

---

## UM RESGATE DA MEMÓRIA JUDAICA EM *O CENTAURO NO JARDIM* DE MOACYR SCLiar

Gisele Jacques Holzschuh<sup>1</sup>  
Rosani Ketzer Umbach<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo visa discorrer, brevemente, sobre aspectos da memória judaica na obra *O centauro no jardim* do escritor sul-rio-grandense Moacyr Scliar. Neste estudo é apresentado um resgate histórico da imigração judaica para a colônia de Quatro Irmãos no Rio Grande do Sul nos anos de 1900 e analisada a presença dessa memória judaica na narrativa ficcional em questão. Em seguida, é feita a análise dessa obra de Moacyr Scliar com enfoque na questão da memória. Para a realização desse estudo adotou-se como suporte teórico os escritos de Bella Josef, Jacques Le Goff, Michael Pollak, Moisés Eizirik, Regina Zilberman, entre outros.

**Palavras-chave:** Moacyr Scliar; judaísmo; memória; literatura.

**Abstract:** This article aims to discuss briefly on aspects of Jewish memory in the work *O centauro no jardim* of Moacyr Scliar, a writer of Rio Grande do Sul. This study presents a historical review of the Jewish immigration to the colony of Quatro Irmãos in Rio Grande do Sul in the years of 1900 and analyzes the presence of this Jewish memory in the fictional narrative in question. Then the analysis of this work of Moacyr Scliar is made focusing on the issue of memory. For this study was adopted as theoretical support the writings of Josef Bella, Jacques Le Goff, Michael Pollak, Moses Eizirik, Regina Zilberman, among others.

**Keywords:** Moacyr Scliar; Judaism; memory; literature.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: giselej7@gmail.com

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: rosani.umbach@ufsm.br

---

O presente artigo surgiu do interesse de se estudar a questão da Memória nas obras do escritor gaúcho Moacyr Scliar. É sabido que muitos escritores adotam o tema da imigração como suporte para suas narrativas, entre eles destacam-se: Antônio Alcântara Machado com os imigrantes italianos em São Paulo, Lya Luft e Luiz Antônio de Assis Brasil com a imigração alemã no sul do país, Raduan Nassar com a questão árabe, Moacyr Scliar com a imigração judaica, entre outros.

A questão da imigração nas obras ficcionais oportuniza, através do resgate da memória, que grupos sejam resguardados do esquecimento. Nesse sentido a obra *O centauro no jardim* de Moacyr Scliar será apresentada nesse estudo como uma forma de preservação da cultura judaica no Rio Grande do Sul, através da inserção da memória judaica na cultura gaúcha, baseando-se na imigração e na tradição religiosa.

Michael Pollak, em seu texto *Memória e identidade social*, escreve a respeito da memória que, embora inicialmente seja vista como algo próprio da pessoa, é um fenômeno coletivo e social. A memória individual ou coletiva é constituída por acontecimentos vividos, por pessoas, personagens e lugares que podem estar empiricamente fundamentados em fatos concretos ou evidenciar a projeção de outros eventos. Um exemplo dessa projeção é a transferência por herança, onde filhos assimilam a memória de acontecimentos vividos por seus pais como algo seu. O autor enfatiza que a memória é seletiva e um fenômeno construído.

Ao afirmar que a memória é um fenômeno construído social e individualmente, o autor recorre à ligação entre memória e identidade, ou seja, ao processo de identificação do indivíduo consigo mesmo e com o grupo ao longo da vida.

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvaguardar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. (POLLAK, P.9)

[...] nenhum grupo social, nenhuma instituição, por mais estáveis e sólidos que possam parecer, têm sua perenidade assegurada. Sua memória, contudo, pode sobreviver a seu

desaparecimento, assumindo em geral a forma de um mito que, por não poder se ancorar na realidade política do momento, alimenta-se de referências culturais, literárias ou religiosas. O passado longínquo pode então se tornar promessa de futuro e, às vezes, desafio lançado à ordem estabelecida. (Idem, p.11)

Segundo Célia Maria Borges Machado, em sua Dissertação de Mestrado intitulada *Memória e narrativa no romance A majestade do Xingu de Moacyr Scliar*, apresentada na Universidade Federal de Minas Gerais:

Vemos, assim, que em Moacyr Scliar o novo das reminiscências é puxado pela memória da infância, da qual emerge o período da imigração, fazendo cruzar as histórias do imigrante judeu e do povo brasileiro, singularizado pelas características regionais, como quer Luiz Antônio Aguiar: “[...] aos poucos foi se formando aqui uma paisagem original com a presença judaica: ‘judeus de bombachas’, judeus tomando chimarrão: eram los gaúchos judíos” (AGUIAR, 2000:8). Portanto, fruto híbrido dessa mistura, Scliar lança mão dessas memórias para criar seus personagens e enredos. Quase sempre apresenta um narrador de olhar perscrutativo sobre a realidade, um observador ou um estranho que chega e quer lutar pela adaptação e integração. (p.56)

Na concepção de Bella Josef (1991, p.454) “a memória é a fonte da ficção e da história”. O texto da ficção não é considerado resultado de uma investigação objetiva do passado como ocorre com a escrita da história. A obra literária é resultado de uma criação inventiva da linguagem através da liberdade de expressão do escritor que, mesmo baseado na história que está baseada na memória, reelabora os fatos em forma de ficção.

Em relação à utilização de fatos da história baseados em registros da memória, na visão de Regina Zilberman:

*Moacyr Scliar dedica a maior parte de suas novelas ao assunto da transferência de europeus para o Rio Grande do Sul, analisando a vida inicial dos estrangeiros no Estado, o processo de sua paulatina adaptação e as consequências desta nos descendentes das famílias originais.*(1998, p. 78)

*O centauro no jardim* é um romance regional/urbano, pertencente à Literatura sul-rio-grandense, que retrata cenas cotidianas mescladas de acontecimentos fantásticos.

O livro narra um fato estranho, ocorrido numa pequena fazenda no distrito de Quatro Irmãos, interior do Rio Grande do Sul. Guedali, protagonista

da obra, filho de imigrantes judeus vindos da Rússia, nasce, inexplicavelmente, na forma de um centauro. E, após muitas peripécias, na fase adulta, ele conhece Tita, uma centaura, com quem se casa. Logo depois, eles descobrem um médico marroquino, conhecido por realizar verdadeiros milagres na área da Medicina. Então, o casal parte para o Marrocos e, lá, submetem-se a uma cirurgia, amputando a parte equina, obtendo a aparência de seres humanos “normais”.

Esse romance de Moacyr Scliar faz referência ao processo de aculturação do imigrante judeu ao solo brasileiro e o choque com a tradição europeia com a qual está profundamente envolvido. E isso gera uma profunda divisão interior que o dilacera. Como ser brasileiro-judeu, gaúcho-judeu? Talvez, esse questionamento possa ser respondido pelo próprio autor quando, em uma entrevista à Revista *Leia* (fevereiro 1990, nº 136), ele explica a relação entre cavalos e judeus e a cena da circuncisão de Guedali:

*Entre o judaísmo e os cavalos existem barreiras históricas. Os judeus nunca gostaram de cavalos e vice-versa. Os cossacos vinham a cavalo queimar as aldeias dos judeus, nos pogroms. Na Idade Média, os judeus eram proibidos de montar a cavalo, por não poderem se elevar acima do piso (...) É curioso que eu tenha usado deste recurso ficcional para tentar promover a aproximação entre judeus e cavalos. Circuncisar o cavalo significa incorporá-lo ao judaísmo.(p. 5-6)*

Podemos dizer, então, que a maneira que o autor encontrou para que Guedali fosse um gaúcho-judeu, foi incorporar o seu lado gaúcho ao judaísmo. Contudo, o centauro não consegue conviver com o seu passado, nem participar do presente tão contraditório às suas raízes. Então, nasce em seu ser uma profunda instabilidade emocional, que gera uma contínua insatisfação e o sentimento de inautenticidade, o qual é combatido ao alto preço de uma amputação exterior e interior. Fato vivenciado pelas duas idas do personagem Guedali ao Marrocos: a primeira em busca da amputação da parte equina para ser aceito pela sociedade; a segunda o retorno ao Marrocos para voltar a ser centauro e preencher o vazio que o dilacerava.

Portanto, a figura mítica do centauro mostra-se como um produto da dualidade experimentada por Guedali, pelo fato de estar dividido entre não

conseguir consolidar-se interiormente sem renunciar aos valores que preza de igual forma.

No romance *O centauro no jardim*, Moacyr Scliar faz referência a vinda dos imigrantes judeus para o Rio Grande do Sul de acordo com os planos do Barão Maurício de Hirsch:

*Homem bom o Barão. Na Rússia de 1906 – derrotada na guerra contra o Japão – os pobres judeus, alfaiates, marceneiros, pequenos comerciantes, viviam em casebres miseráveis de pequenas aldeias, aterrorizados com a ameaça dos pogroms (...)*

*Em seu castelo, em Paris, o Barão Hirsch acordava no meio da noite, assustado, ouvindo tropel de patas. Não é nada, Hirsch, dizia a mulher sonolenta. Foi um pesadelo, dorme. Mas o Barão já não podia conciliar o sono. A visão de cavalos negros pisoteando corpos inanimados não o abandonava (...) Via os judeus russos vivendo felizes em regiões longínquas da América do Sul; via campos cultivados, casas modestas, mas confortáveis, escolas agrícolas. Via crianças brincando nos bosques. Via os trilhos da ferrovia (da qual era grande acionista) avançando mato a dentro . (SCLIAR, 1996, p. 19-20)*

Segundo Moysés Eizirik, o Barão Maurício de Hirsch era um francês de origem judaica, banqueiro em Bruxelas, que depois de ter enriquecido com a construção de estradas de ferro na Rússia, Áustria e na Turquia, passou a se preocupar com os judeus russos que estavam sendo perseguidos pelo regime czarista desde 1881 e, então fundou a JCA (ou ICA) Jewish Colonization Association.

A JCA tinha o objetivo de criar colônias judias na Argentina e, posteriormente, no Rio Grande do Sul, pois o Barão via, na imigração, a salvação para os judeus russos. Os fins dessa Associação eram filantrópicos e objetivavam beneficiar os judeus, que sofriam perseguições ou discriminações por motivos raciais ou religiosos e estabelecê-los em países onde, no gozo da liberdade, pudessem viver como cidadãos.

Essa organização adquiriu, em 1909, a fazenda de Quatro Irmãos, com 93.850 hectares, parte do município de Passo Fundo, hoje de Erechim e Getúlio Vargas. Determinada parte da fazenda foi dividida em lotes coloniais, que eram doados aos imigrantes em prol de sua vinda. Cada lote media 50

hectares, nele havia uma casa com galpão, duas vacas leiteiras, dois bois, cavalo, carroça, arado e sementes, no valor de quatro contos e quinhentos mil réis, que deveriam ser pagos em vinte anos.

O primeiro grupo de imigrantes chegou em Quatro Irmãos, vindo da Argentina, em 1911 com 32 famílias. Nesse mesmo ano, chega a segunda leva de imigrantes composta por 60 famílias, vindas de Besarábia (os Zechtziquer) . O grupo vindo da Rússia chegou em 1913 e era formado por 150 famílias.

*Pelo acordo de Pedras Altas, em 1923, terminou a Revolução. Os provisórios, que eram os governistas e os revolucionários, denominados maragatos, tiveram que se desengajar. Um destes grupos irregulares se embrenhou pelas matas de Erechim, quase dois anos após a Revolução, isto é, em 1925, invadiu a Vila de Quatro Irmãos e saqueou todas as casas de comércio, bem como as casas dos colonos, roubando gado, dinheiro e produtos coloniais, (...).( EIZIRIK, 1984, p. 22)*

Tais fatos apavoravam os colonos, fazendo com que muitos revivessem o pogrom, onde cossacos embriagados invadiam as aldeias judias e “jogavam” os cavalos contra velhos e crianças, golpeando-os com “punhos de sabre”. Eles matavam, amontoavam os corpos e depois ateavam fogo e sumiam. Isso provocou a dispersão dos colonos, que foram para os mais diversos lugares: Erechim, Passo Fundo, Santa Maria e Porto Alegre.

A família do personagem Guedali, como os demais imigrantes da nossa história, viveu a sensação do pogrom, mas era necessário permanecer em Quatro Irmãos, como narra o próprio personagem quando fala de seu pai:

*(...) todos os colonos judeus da região, vindos com ele da Rússia, já foram para a cidade – para Santa Maria, ou para Passo Fundo, ou Erechim, ou Porto Alegre. A Revolução de 23 expulsou os últimos remanescentes da colonização. Meu pai insiste em ficar. Por que, Leão? – pergunta minha mãe. Por que essa teimosia? Porque o Barão não nos trouxe da Europa para nada. Ele quer que a gente fique aqui, trabalhando a terra, plantando e colhendo, mostrando aos góim que os judeus são iguais a todos os outros povos. (SCLiar, 1996, p. 19)*

A realidade vivida pelos imigrantes judeus era penosa. Além das dificuldades encontradas em unir as suas tradições à vida no RS, eram

afetados pelos problemas políticos brasileiros, o movimento revolucionário de 1923 e a Revolução de 1930. Num histórico de conflitos de valores e políticas, nasce Guedali Tartakovsky, o mítico centauro, metade homem, metade cavalo; metade judeu, metade gaúcho, no ano de 1935 numa pequena fazenda no interior do distrito de Quatro Irmãos – RS.

O centauro é a entidade mítica, que acompanhado de outras criaturas imaginárias, símbolos da ambivalência do ser humano, povoa a literatura ocidental. A respeito dessa figura mitológica, ZILBERMAN (1998) escreve:

Traduz a liberdade sem fronteiras do corcel que atravessa os campos; e pode ter esmerada educação e sabedoria, pois foi da raça dos centauros que proveio o primeiro pedagogo, Quiron, mestre de heróis do porte de Hércules, Aquiles e Teseu.

Transplantado ao cenário específico da literatura sul-rio-grandense, cedo ele encarnou a alma do gaúcho. Se este tipo humano foi elaborado por uma ideologia que tinha em vista a promoção do vaqueano enquanto indivíduo livre e guerreiro, descomprometido de elos domésticos e familiares, mas intensamente fiel a seus líderes políticos, a consequência lógica foi sua identificação ao centauro. (p. 81-82)

Essa figura corporifica de modo claro a imagem dos valores que havia de propagar: liberdade, laços com a natureza e o apego ao cavalo. O centauro de Moacyr Scliar, chamado Guedali, é filho de imigrantes judeus vindos da Rússia, no início do século XX, para as terras do Barão Hirsch no interior do Rio Grande do Sul. O fato de ter nascido centauro denota o primeiro passo rumo à integração ao novo solo por parte desses imigrantes.

A religião é uma forma de preservar a memória. O Judaísmo é rico em ritos que permitem reviver o passado de seus ancestrais preservando a cultura de seu povo. Nesse âmbito, a religião torna-se um modo de manter a memória das comunidades antigas. Essa questão pode ser observada em vários momentos no romance em estudo, como por exemplo no rito do batizado de Guedali e no esforço feito por seu pai, Leão Tartakovsky, para que o ritual se cumprisse:

Agora que a família está reunida de novo em torno à mesa, agora que está tudo bem, decide meu pai, é tempo de fazer a circuncisão no menino. Homem religioso, não deixará de cumprir suas obrigações. É preciso que o filho seja introduzido no judaísmo. (p. 31)

Meu pai me tira do caixote e me coloca sobre a mesa. Meu Deus, geme o mohel, deixando cair a bolsa e recuando. Dá meia volta, corre para a porta. Meu pai corre atrás dele, segura-o: não foge, mohel! Faz o que tem que ser feito! Mas é um cavalo, grita o mohel, tentando soltar-se das mãos fortes de meu pai, não tenho obrigação de fazer circuncisão em cavalos. Não é cavalo, berra meu pai, é um menino defeituoso, um menino judeu!

[...] Há um prepúcio, e ele fará o que a Lei prescreve para os prepúcios judeus. Empunha a lâmina, respira fundo... (p.33).

O centauro, em Guedali, reflete a natureza sulina, o ser gaúcho assumido pelo personagem. E, ao mesmo tempo, demonstra o rechaço, por parte dos habitantes do Sul, em relação à comunhão com as tradições europeias e judaicas. Sendo centauro, ele é, ao mesmo tempo, gaúcho e judeu e a vivência desta heterogeneidade obriga-o a viver em exílio.

*Guedali não deverá sair dos limites da fazenda. Poderá correr pelos campos próximos, poderá colher amoras silvestres, poderá tomar banho no riacho – mas que ninguém o veja; homem vivido, Leão Tartakovsky conhece as maldades do mundo. É preciso proteger o filho; criatura, no fundo frágil. Quando estranhos vêm à fazenda, me escondem no porão ou no estábulo. Entre ferramentas estragadas e velhos brinquedos (bonecas sem cabeça, carrinhos quebrados), ou entre as vacas que ruminam silenciosas, vou dolorosamente tomando consciência de minhas patas, de meus cascos ... (SCLiar, 1996: 34-35)*

Para Guedali ser aceito no ambiente em que estava inserido, é necessário sacrificar o centauro que “habitava nele”. Fato que, também, significa a imolação da liberdade, da qual disfrutava nos galopes sem empecilhos pelos campos ao redor de sua fazenda. A perda da liberdade é marcada em diferentes etapas no decorrer da narrativa: a mudança para Porto Alegre, onde o seu mundo se reduz a um quintal e “um binóculo”. Após, experimenta uma libertação temporária, por meio da vida circense e pela descoberta do amor, na estância de D. Cotinha Fagundes. Em seguida, inicia-

se o processo de amputação: a operação no Marrocos, o enriquecimento em São Paulo e uma nova fuga.

Gradativamente, o protagonista vai se sentindo cada vez mais cativo de uma monótona existência, que o limita a deveres e amizades pálidas. Então, surge nele o desejo de retornar a ser centauro, por intermédio do médico marroquino, ou das magias de Peri. O fato da metamorfose não se realizar, determina a sua conformação à situação presente, de um bem-sucedido negociante, que pode almejar, de modo limitado, a tão sonhada liberdade.

Guedali começa a preocupar-se com a diferença que ele e Tita têm (e, apenas, os dois conhecem) em relação ao grupo. E, ao mesmo tempo, dedica-se ao acúmulo de bens materiais, com a finalidade de sustentar essas diferenças (botas ortopédicas, medicamentos,...) para, ao esconder um defeito físico, ser aceito pelo grupo.

*Enriquecer é, pois, camuflar a origem, reprimi-la e convertê-la num sonho. Sendo bem sucedido nesse processo, Guedali e, sobretudo Tita podem escrever uma nova história, que transforma o pesadelo anterior em uma mera alucinação. Ao contrário do mito, que forja uma maneira fantástica para explicar um evento verdadeiro, mas inadmissível, o casal dessacraliza seu passado. Banaliza-o e, com isso, assegura seu ingresso entre os “normais” – a rapidamente enriquecida burguesia nacional. (ZILBERMAN, 1998, p. 84-85)*

Guedali e Tita, agora aceitos pela sociedade, estão felizes, pois, apesar do alto preço, conquistaram a cura.

*Sim, eu agora estava bem. Já não sentia vontade de galopar, já não me fazia perguntas. De uma forma ou de outra, estava curado. Levantei-me, voltei para casa. Correndo pelo campo, saltando, rolando na grama úmida. Feliz. (SCLIAR, 1996: 222-223)*

Guedali, numa última excursão ao Marrocos, conhece Lolah, a Esfinge. Nesse episódio é demonstrado o tipo de racionalismo imposto pela sociedade, a fim de qualificar uma pessoa como “normal”. O protagonista, ao contrário de Édipo, não decifra a Esfinge. E, sim, envolve-se emocionalmente com ela, ocasionando a sua destruição.

*Em outras palavras, a entidade mágica, que se põe como adivinhação diante do ser humano acaba por ser suprimida, ou transformada em memória escondida, sem ser explicada. Por isso, salta-se por sobre os mistérios, como se reinventasse uma história mais tolerável, e o sucesso dessa empresa garante uma relativa sociabilidade. O convívio humano se faz à base do sufocamento dos apelos mais íntimos, numa espécie particular de liberalismo, porque a tolerância se funda na repressão. É o que configura a natureza do racionalismo moderno, que não suplanta os mitos, mas constrói para eles uma plausibilidade que os torna suportáveis.*  
(ZILBERMAN, 1998, p. 85)

Enfim, Moacyr Scliar em *O centauro no jardim*, explica, através de Guedali, a negação da condição original de exilado, como gaúcho e judeu, que almeja desfazer-se da diferença “a custa de golpes contra si mesmo”, mostrando a deposição da liberdade em prol do artificialismo, um procedimento que se fez correto, porque foi premiado com dinheiro e o carinho de todos. Portanto, é esta a circunferência que limita o herói: abdicar de sua liberdade e do que lhe é sagrado para ser aceito pela sociedade vigente.

Ao fazermos a leitura da obra *O centauro no jardim* recordamos a história de seu autor que, como o protagonista Guedali, é filho de imigrantes judeus. Lembramos que Scliar foi um leitor voraz e eclético e um ouvinte fascinado pelas histórias contadas pelos imigrantes judeus nas calçadas do Bairro Bom Fim em Porto Alegre. Assim podemos afirmar que o campo da memória é parte da história pessoal de Moacyr Scliar e alicerce para muitas de suas obras. Sobre a opção do escritor por personagens judeus, Regina Zilberman escreve:

O fato de todos os personagens serem judeus não é mera coincidência. Moacyr Scliar procura extrair dessa circunstância, segundo a qual o judeu é, por razões culturais e históricas, um ser que experimenta a diferença de modo radical, a substância para seus livros. Por isso, suas personagens não conseguem conviver com o passado de que são fruto, nem integrar-se ao presente que contradiz suas raízes. (1998, p.79)

Jacques Le Goff considera o povo hebreu como o povo da memória por excelência. A memória dos antepassados é vivida pelo povo judeu através de rituais e datas comemorativas. Esse fato é claramente observado no romance de Moacyr Scliar por meio de várias cenas protagonizadas por Guedali: o batizado, a cerimônia do bar-mitzvah, o casamento com Tita.

A História das Mentalidades, que se interessa por fenômenos como as heranças e a tradição, concebe a obra literária como uma adequada fonte para o conhecimento da sensibilidade e mentalidade de uma cultura numa determinada época. Nesse sentido, a obra *O centauro no jardim* de Moacyr Scliar estabelece um diálogo com a cultura e a história da imigração do povo judeu para o Rio Grande do Sul, claro, que não se deve esquecer que o livro reflete uma visão ideológica do seu autor. Por isso, não se restringe, apenas, a narrativas de fatos, mas utiliza-se da imagem grotesca e mítica de seu protagonista, o centauro Guedali, para tecer profundas reflexões sobre a condição de gaúcho-judeu dos filhos de imigrantes e sobre as mazelas da sociedade moderna, urbana e capitalista, que exige do ser humano uma “imagem padrão” para ser aceito por ela. E, com essa narrativa, através da memória, o escritor dá voz àqueles que não encontraram espaço nos escritos da história tradicional.

## REFERÊNCIAS

EIZIRIK, Moysés. **Aspectos da vida judaica no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul: EST Edições e EDUCS, 1984.

GAGNEBIN, Jeane Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. Disponível em: <[http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txt\\_gagnebin\\_jeanne\\_m\\_lembrarescreve\\_reesquecer.pdf](http://www.hrenatoh.net/curso/textos/txt_gagnebin_jeanne_m_lembrarescreve_reesquecer.pdf)> Acesso em 03 nov. 2014.

JOSEF, Bella: **O resgate da Memória na Literatura Contemporânea**. In: 2º Congresso ABRALIC: Literatura e Memória Cultural – Anais. Vol.1, Belo Horizonte: ABRALIC, 1991, p.454-460.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al.]. 5.ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p.419-476.

Machado, Célia Maria Borges. **Memória e narrativa no romance A Majestade do Xingu de Moacyr Scliar**. Minas Gerais: UFMG, 2006. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6SQJED/machado\\_c\\_lia\\_maria\\_borges\\_pdf.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6SQJED/machado_c_lia_maria_borges_pdf.pdf?sequence=1)> Acesso em: 03 nov. 2014.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Disponível em: <<http://www.culturaegero.com.br/download/silencio.pdf>> Acesso em: 03 nov. 2014.

RICOEUR, Paul. **Memória, história, esquecimento**. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia)> Acesso em: 03 nov. 2014.

SCLiar, Moacyr. **O centauro no jardim**. 6. ed. Porto Alegre: L&PM, 1996.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura no Rio Grande do Sul**. 3.ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Roteiro de uma literatura singular**. 2.ed. Porto Alegre: Editora da Universidade / UFRGS, 1998.